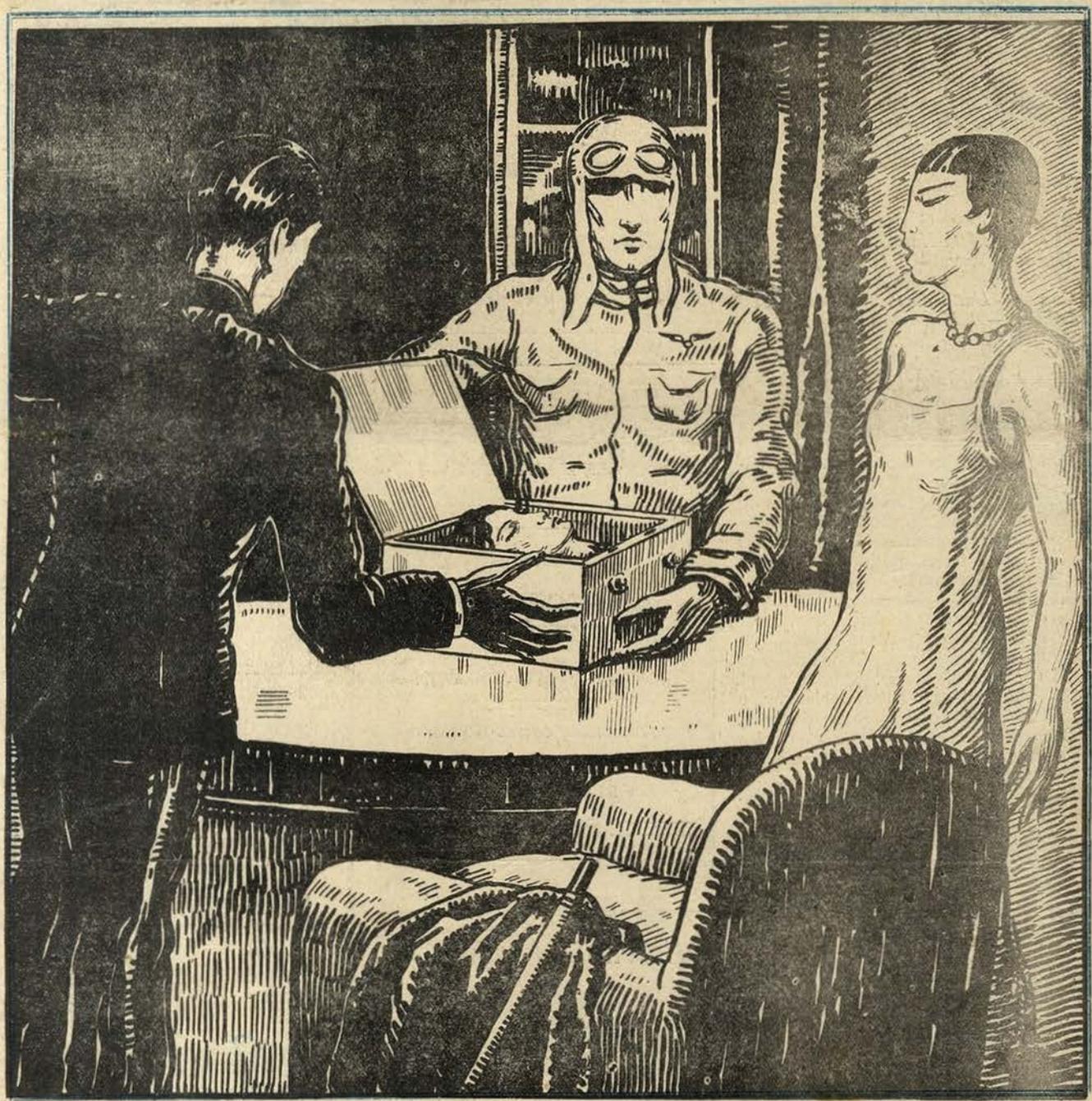


# REPORTAGE

**R**  
PORTO CENTRAL  
N.º 11-105  
PORTUGAL

Director  
**REYNALDO FERREIRA**  
(Reporter X)



LER NESTE NÚMERO: — II Episódio dos « Mosqueteiros do Ar » — « O Padre P... » — Os Mistérios de Hollywood — O homem que causou seis milhões de mortes — A Internacional Sangrenta dos Armamentos — Por Amor da Paz, prepara-se a Guerra — Uma ceia singular, etc., etc., etc.

## ESPECTACULOS

DE LISBOA

## TEATROS

**Teatro Nacional** — *Dona Formiga* grande desempenho das atrizes Adelina Abranches e Palmira Bastos.  
**Politeama** — Continua com imenso exito a revista *Arceias de Portugal*.  
**Avenida** — A comédia *O Escorpião*.  
**Variedades** — *Desculpa, ó Caetano*.  
**Maria Vitória** — *O Grande Salvador*.  
**Capitólio** — *Cinema e Variedades*.

## CINEMAS

**S. Luiz** — Com grande successo *Raparigas de Uniforme*.  
**Tivoli** — Maurice Chevalier e Jeanette Mac-Donald em *Uma hora contigo*.  
**Central** — *Mandragareis* com Brigitte Helm.  
**Odeon** — Greta Garbo e Ronald Novarro *Mata-Hari*.  
**Jinásio e Royal** — *A Favoritado Imperador*.  
**Condes** — *Um Valente*.  
**Olimpia** — *A Noiva do Céu*.  
**Palacio** — *Mata-Hari*.

## DO PORTO

**Teatro Sá da Bandeira** — Continua em grande exito a revista *O Mexilhão* brilhante desempenho da companhia Estevão Amarante.  
**Teatro Carlos Alberto** — Estreou-se com imenso agrado a peça de costumes regionais. *A Viela dos Gatos* original de Arnaldo Leite e Carvalho Barboza.  
**S. João-Cine** — Estreia em Portugal, os *Irmãos Zaramazogg*, com Fritz Kortner e Anna Sten.  
**Águia d'Ouro** — Joan Crawford em *Virtudes Modernas*.  
**Salão Trindade** — Lilliam Harvey e Henry Garat *Um sonho dourado*.  
**Olimpia** — *Um Filho Pródigo* com o tenor Lawrence Tibbett e Esther Ralston.  
**Batalha** — *Caprichos* com Norma Shearer e *Dinamite*.

**Dr. Augusto Pires de Lima**  
DOENÇAS NERVOSAS E MENTAIS

Electro-diagnóstico e electro-terapia

**Casa de Saude Portuense**

Pavilhão particular para internamento de doentes

Rua *Heróis de Chaves*, 588 — Telefone, 535

= Consultas das 3 às 6 =

Resid.: Rua 5 de Outubro 242 — Telef. 2695

## NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasil

e América do Norte

## PASSAPORTES

Agente no norte

DA

United States Lines

TELEFONE 762

Rua do Loureiro, 60-62 — PORTO

MACHADO &amp; BRANDÃO

REPRESENTANTES

Das afamadas marcas

Mercedes-Minerva  
Rosengart

A CASA MELHOR SORTIDA

EM ACESSÓRIOS

Impermeáveis, capas de borra-  
cha e agasalho

e Sá da Bandeira, 193

PORTO

Já visitou a varanda  
da saúde?A melhor estancia  
de repouso  
de Portugal: : Os melhores ares : :  
e a melhor alimentação  
: das casas de saúde :  
: : : do país : : : :

VISITE

E FICARÁ

SATISFEITO

A varanda da saúde  
é emLouredo da Serra  
PAREDES

VINHOS AMADEU

Dos melhores

Vinhos do Porto



# reporter. HOMENS

## &

# FACTOS DO DIA

### Que é feito do padre P...?

**A odisseia dum sacerdote jesuita português — que depois de várias proezas vergonhosas, da expulsão da Companhia e dum furto importante no Brazil — se converte ao protestantismo, casando com uma americana ricaça**

**É** PÉCO humano — ou antes: daquela fauna humana, pretenciosa, ignorante e pobre d'intelligencia — negar, sem discussão, todos os fenómenos «ímpares» ou todos os factos «pares» que surjam para além dos horizontes da sua compreensão ou da sua simpatia

P... traçou o seu plano... A esse plano caminha o envolvero humilde, suave, doce de sacerdote piedoso e sincero — e manteve esse envolvero, sem uma beliscadura, para além de todas as hipóteses...

Ha muitos anos que êle despertara suspeitas... Nem todos os espiritos se deixaram embalar pela sua mentira! As suas idéas e voltas, as suas relações com a maçonaria judaica argentina; as suas missões demasiado laicas; as suas jonglerias sociais — podiam deixar indiferentes os que viviam sob a sua hipnose mas o seu poder magnetico não era universal!

A sua acção internacionalista na tragedia de 19 de Outubro, alertou os ultimos hesitantes. Esteve no index da publicidade — e embora, com a sua arguta e subtil manobra, tivesse conseguido abafar o escândalo, injectar de amnesia certas memorias — o seu regresso à actividade, galvanizou de novo as atenções adormecidas...

Havia um argumento com que os seus idolatras tentavam amordaçar, os que desconjivam do Padre P...: « — Se esse santo homem fosse o que vocês dizem, ha muito que a Companhia de Jesus teria agido, pelo seu proprio interesse... Ora se a Companhia continua a conserva-lo é porque êle a dignifica e não a avilta nem a prejudica!»

O argumento podia ser justificado e logico. Mas a verdade é que o Padre P. era de tal ordem que conseguia roubar... a propria Companhia! E já se vai provar esta afirmação! »

Quando, já depois do 28 de Maio, o governo da Ditadura o expulsou e tornou publica esta medida, os defensores do Padre P. calaram-se ou evitavam conversar sobre tal assunto... Um belo dia, aproveitando não sei que indulto, o Padre P... entrou, de novo em Portugal. Que vinha êle fazer? Abrir subscrições para os pobres? Organizar obras de Caridade? Defender os interesses da Companhia? Cumprir qualquer missão cristã, católica, apostólica, romana? Não senhor! Vinha advogar a causa de um trust comercial-internacional! Vinha como plenipotenciário de um grupo financeiro e com objectivos financeiros. E eram estes por tal forma suspeitos — que ele se sentiu isolado, fracassado, logo às primeiras demarches! Para cumulo, machadando as ultimas raizes que o seguravam à idolatria dos fanáticos, explodiu a noticia de que a Companhia de Jesus o correria do seu selo, acusando-o não sei de que delitos vergonhosos e ameaçando-o com a policia! E tão ameaçado se viu o Padre P... não só pelos seus ex-irmãos como pela justiça portuguesa — que resolveu comprar... clandestinamente, como qualquer jovem des-

vairado pela roleta ou pela amante, que falsifica um cheque ou comete um abuso de confiança e se vê na necessidade aflitiva de se exhibir — para longe do alcance da policia do seu paiz.

Aqui... cava-se uma lacuna — pequena lacuna de um ou dois mezes; e passada essa lacuna reaparece numa cidade brasileira — Bala ou Pará, não estou bem certo — como professor duma escola católica e tesoureiro da ordem a que essa escola pertencia. Pouco tempo se resignou o Padre P..., saudoso da sua antiga existência de capataz internacional de grandes negociatas, à paz, à pureza e ao socego cristãos da sua nova vida! Uma manhã os meninos chegaram à aula e não viram o professor! Entretanto, os sacerdotes que dirigiam essa ordem católica-brasileira eram alarmados pela noticia de que o cofre da tesouraria estava vazio! Procurou-se o professor! Procurou-se o Padre P... — mas êle partira sem deixar outros vestígios — além dos do furto, que subia a cento e sessenta contos... brasileiros. E pelo visto não fugiu sóinho...

Mais tarde — semanas depois — dão fé da sua presença numa república vizinha, da banda do Pacifico: Columbia ou Equador. Dizem que êle conseguiu seduzir uma senhora americana, filha de muito boas familias — e que estava noivo dela! Noivo? Como? Se êle era sacerdote!?...

Como dossier para esfregar o nariz dos que o acusavam de crime de calunia os que suspeitavam, há muito, dêste reverendissimo padre, chegaram às proezas já citadas. Mas não resiste à tentação de exhibir o último (o último, por agora!) quadro dêste friso.

O Padre P... tendo deitado às ortigas as suas vestes sacerdotais católicas-apostólicas, fez-se sacerdote protestante e como tal casou com uma ricaça americana, no uso do direito internacional que lhe concede a sua nova religião... E se aqueles que o idolatravam não suportam a saudade da sua ausência, procuram-no actualmente em New-York, onde reside com sua esposa, onde esbanja, à larga, o dote que recebeu, e onde, aos domingos, como padre evangelista, prega longos sermões aos crentes, num templo protestante do Canal Street...

Pierre Benoit, no seu «Lac Sale», criou uma figura muito semelhante à do Padre P... E não me surpreendia se amanhã uma semelhante se tornasse mais nitida ainda — e convertendo-se a lei dos Mormons, esposa de sete damas — todas com dote; dote que êle queimaria fora do seu sagrado harém — com outras tantas amantes...

Reporter X.

## Excelsior Café

A delicia dos cafés

Rua Sá da Bandeira — PORTO

— Êste número foi visado pela Comissão de Censura

N.º 107 / ANO III

Sábado, 3

de Dezembro 1932

DIRECTOR-EDITOR  
REYNALDO FERREIRA  
(Reporter X)

PROPRIEDADE DE  
MERCEDES CAL

Escritórios: R. Picaria 73

Compos o e impresso

na Tip LEITÃO

Rua da Picaria, 73

— PORTO —

dos os fenómenos «ímpares» ou todos os factos «pares» que surjam para além dos horizontes da sua compreensão ou da sua simpatia

A influência social dessa fauna, numa civilização em que a mediania que ela representa, domina e se compõe, confirmando ou reprovando segundo os dictames sinceros da consciência — estupidez, semi-ignorancia e semi-imoralidade — tem inutilizado, de 93 até hoje, cincoenta por cento dos beneficios conquistados pelo destronamento da civilização aristocrática. Mas o mais lamentavel é que essa gente — essa esmagadora maioria, não se limita a desanimar, os «homens de boa vontade», a atrazar as realizações práticas do inverosimil (porque todas as grandes obras, antes de serem realidades eram utopias e pasto de galhofa ou do ódio dêsses mesmos mediocres): é que, graças ao seu poderio social, posto ao serviço das suas birras — deixam singlar impunemente (e muitas vezes sob a sua protecção forte e inconsciente) os seres mais nocivos, os tartufos mais perigosos, os que fazem do negativismo sincero uma arma do seu egoismo ambicioso e sem escrúpulos; e que, mais espertos, mais vivos, mais cultos, sabem manobrar a vontade dessa maioria, lisongeando-lhe os defeitos e fraquezas e comprando, em troca de servís aplausos à sua cumplicidade, o auxilio cego que os seus planos inconfessaveis exigem para triunfar...

O caso do Padre P... é um simbolo eloquente. Graças a Deus — como dizia esse tipico sacerdote — que, os que, como eu, o holofotearam com a sua suspeita, desde a primeira hora, embora sofrendo a reacção dessa maioria que ele dominava — podem agora, empo-leirados na torre de factos irrefutaveis, fazer um «achate ao beque» aos idolatras do Tar-tufo, aos que, por essa idolatria, difamavam os acusadores...

Inteligente a roçar pelo talento, dum talento disciplinado, aguil, submisso, que se ocultava, humilde, à luz do dia; e se dilatava, monstruosamente, na sombra e na hora dos saltos da fera; contorcínada a alma e o corpo, por uma educação severissima, que dividia o seu ser em dois seres: o de escravo e de senhor, este exigindo daquele as proezas mais fantásticas; culto especializado, tendo-se deixado dominar por todas as vontades dos mestres — mas conservando, ocultos e integros, o seu egoismo, a sua ambição, a sua inverosibilidade moral — o Padre

# Uma ceia singular

... E se os autores dos grandes crimes e das burlas sensacionais dos ultimos tempos não tivessem sido descobertos e vivessem agora em absoluta impunidade??

JÁ notaste as desproporções com o que o teu próprio espirito—o nosso, o de todos—desassemelham o autor de um grande crime ou de uma escroquerie sensacional, quando esse crime ou essa escroquerie se blinda na negra opa do mistério e a policia não farejou ainda o facinora que matou ou o trapaceiro que burlou—e esse mesmo homicida ou burlão, quando o enigma amanhece, encharcado de luz, e a policia o enlaçou e os jornais o radiografam, o fotografam, e lhe devassam a vida e a familia até quasi à origem étnica? E' uma desproporção tão notável como se no tempo que vai das trevas à luz, da impunidade à cadeia, do mistério à revelação—a proeza que ele cometeu e que ainda hontem se nos afigurava monstruosa—como as de Fantomas—ou maquiavélicas de engenho, como as de Raffles—se banalisasse, transformando-se numa vulgar facada da Mouraria ou num «conto» de ouro por latão, como aqueles que o *Pé Leve* costuma praticar...

E explica-se—pelo próprio mecanismo da nossa imaginativa. Enquanto a tragédia ou a trapaca não é descoberta—a nossa visão sobre o assassino ou o escroc dilata-se à medida que a sua facanha, como todos os crimes, vulgares ou excepcionais, mas inigmáticos, se dilata, pela lupa do proprio mistério. Um criminoso que consegue escapar à policia folhetinisa-se imediatamente, aos nossos olhos pela mesma razão que o seu crime se tornou um capitulo de romance. Com a nossa fantasia não sente a sujeição de fronteiras a muralha—alarga-se e toma as formas que lhe apetece. E eis como o menos habil dos bandidos, ou o menos cauteloso dos burlões—se encarna num *Naz-en-l'Airou* num Arsénio Lupin. Subito a policia deita-lhe a mão—e ante o contraste brutal da realidade, ante um Fantomas maltrapilho ou analfabeto; ante um Raffles com *sobriquet* fadista e sem outro talent novellesco do que o da agilidade, na fuga—o nosso espirito, desiludido fez o que as creanças costumam fazer aos binoculos, depois de observarem o palco e verem as figuras agigantadas e quasi ao alcance dos seus dedos; põe-no o revez minguando os gigantes ao tamanho de pigmeus e distanciando as figuras, tão ao seu alcance, pouco antes, como se estivessem, sob a tolda de um expresso—e o expresso se puzesse bruscamente em marcha...

Ainda ha dias nos encontravamos, todos nós, num estado de espirito desse género. Refiro-me ao Crime da Rua 20 de Abril. Havia um mez que os nossos melhores detectives esbracejavam no vácuo. Estava eminente o enterro do processo—nessa vala comum que é o arquivo—sem se poder acusar a policia da minima difiiciência... E agora que a nossa fantasia passava um pouco mais... Que supunha que a policia não se glorificou com essa victoria e que foi denotada, *malgré tout*... A pobre governanta retalhada pela autopsia vai, pouco a pouco, descanhando-se no coval e regressando a sua mãe... A sensação que o crime produziu, dilui-se, no tempo, ficando, como do cadaver da victima, uma especie de ossura—o *esqueleto*, a *lenda*, tal como as imaginações a crearam no misterio de quem seria o criminoso... E quando, anos rodados, se evocasse esse enigma trágico, um «frisson» nos arranharia os dorsos: «Quem teria sido o assassino? Onde estará ele agora? O que fará? Como viverá? E quem nos diz a nós que não o conhecemos, que não lhe apertamos a mão que estrangulou aquela desgraçada, que não

o julgamos o mais honrado e bondoso dos homens—e que, entretanto ele nos fite atevendo a possibilidade de repetir a mesma monstruosidade?»

...Se o criminoso da Rua 20 de Abril não ficou impune—quantos não vivem por esse mundo, libertos de todas as suspeitas, rotulados por todos os elogios honrosos, garantidos por todas as confianças—e cujas mãos se avermelharam em sangue de muitos crimes ou cujos cerebros germinaram muitas escroquerias diabolicas?

«São incalculáveis os erros judiciários que ainda neste século se cometeu:—afirmou: á pouco, um juiz—o juiz inglez Mac Ridds. Numerosos são os inocentes nesses presidios de penitencia! Mas mais numerosos ainda são os criminosos que andam á solta, os ladrões que nunca foram desmascarados, os *hars de la loi* que nunca foram postos... dentro da lei...

Supondo...

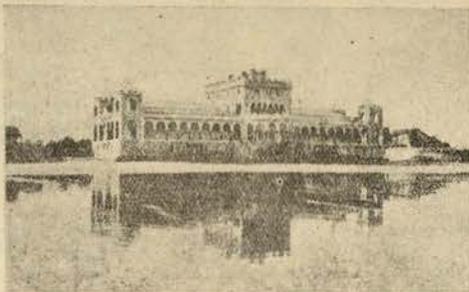
Foi uma noite japoneza, noite de luar amarelado rabiscando luzes contorcionistas sobre as pratas do mar; noite de bichos de Osaks ou de leques de Fugita... Agosto... Ano 193... ou 194... (aquí os historiadores não coincidem!)

Em *X-Ville e Z-sur-le-mer*, terras e praias irmãs em qualquer ponto da Europa—cruzam-se multidões cosmopolitas... Nos «Palaces», nos «Kensaes», nos «Casinos», incendiados pela mesma labareda eléctrica joga-se bebe-se, baila-se, *firta-se*, ama-se, burla-se, atrai-se, em todos os idiomas. Uma nova Babel—para baixo; e funda, como alta era outra. E fracassada! E amaldiçoada tambem! Só uma diferença entre as duas. A torre biblica quiz trepar até ao ceu e foi Deus que a susteve a estigmatizou; esta quiz minar as entranhas da terra, na ansia de descer aos infernos, e Satanaz em vez de a paralisar—veiu buscal-a ao caminho...

... Um jovem recém saído das teorias universitarias, ignorante do mundo e que visita, pela primeira vez esta *farnerie* de alusões e de pesares—encontrou um cicerone experimentado que o conduz atravez do labarinto dos jardins artificiais, dos *halls*, dos bares, dos *dancings*, dos salões reservados—e o ilucida sobre o secreto maquinismo de todos aqueles automatós.

«Shiu! fez o cicerone, avançando nos bicos dos pés para uma varanda de onde se podia espisar e escutar o que se fazia e dizia numa sala fronteira.—Realiza-se hoje, á volta daquela meza, e paralelamente a um belo jantar onde dez nações estão representadas pelos seus melhores vinhos... plenipotentarios—uma preciosissima reunião de enorme alcance social... Individualidades do maior destaque nesta mesa cosmopolita vão syndicar-se e empreender uma alma espantosa de reacção contra todos os males que aneaçam a humanidade...

«Por exemplo... Vês aquele cavalheiro calvo, magro, uma barba negra a pontaguardar-lhe o rosto?... Ouves o que ele diz... Eu repito-te as suas palavras... «Na minha opinião, meus senhores—o cancro social reside nos mais costumes e piores principios de quarentonas...» Chama-se... Landru... Espera... Outro orador... escuta-o: «Vou ser breve, meus senhores! A minha oração podia sintetisar-se numa palavra! «Apoiado!» Nessa palavra traduzir tudo o que me vai na alma!



Um dos palaces

Mas acrescentarei logo mais! Aprovo incondicionalmente as medidas propostas pelo nosso confrade Landru—mas acho pouco! E' preciso combater tambem—e ferozmente—o crime! Porque, senhores, o egoismo dos tempos actuais não se limita a martirizar as desgraçadas das mulheres pelo abandono ou pelos maus tratos! Vai até ao crime—que é o de assassinar uma fraca mulher—e muitas vezes com o hipocrito pretexto que a amavam—como se o amor fosse compativel com tal gesto! Leia-se os diários! Todos os dias—um ou dois crimes dos que... se chamam passionais para atenuar a culpa dos criminosos! Justiça severa, sem piedade para esses monstros! A guilhotina, a fogueira, a torniqueta, todos os supplicios medievais e inquisitoriais me parecem suaves! E se eu falo, senhores... desculpem-me estas lagrimas—é porque tenho ha muitos anos uma ferida na alma, aberta cruelmente por um desses criminosos que nunca se soube quem foi—ferida esta que me arde sempre e que nunca fechará...

Supondo que... no estrambelhamento da época, na benevolencia com que se encara os homens esturdidos, extravagantes, esbanjadores, amantes da orgia, ou do teatro e até mesmo do cinema! E' preciso uma lei que obrigue a burguezia, a verdadeira vida burguezia, pacata, economica, metódica—modesta, honrada! E' unica forma de salvar as mulheres—as grandes victimas da imoralidade actual—salva-las de toda a casta de martirio que lhes infligem esses homens... chamados modernos! Perdoem-me meus senhores, se a voz trem e se as lagrimas me denunciam o que me vai na alma! Não posso pensar nesses pobres e frageis entes, sobretudo na idade sentimental, mais doce, mais belo da mulher—que é dos 40 aos 50 anos—idade que corresponde ao seu calvario, porque hoje são os maridos das senhoras de 40 e 50 anos que enfrentam o cortejo do deboche e da pouca vergonha...

«Ouvieste? Vê como o orador está comovido... Os olhos estão encharcados pelo pranto. Quem é! E' o evangelista dos bons costumes-burguezes, o defensor das mulheres».

«Gostastes? perguntou o cicerone ao neolito. Quem é? Um empresário muito conhecido e respeitado... conoveu o seu discurso porque, coitado, a mulher que ele amava atravez todos os sacrificios, foi assassinada, ha anos—e nunca se descobriu o assassino... Terceiro orador... Não percas uma só palavra... A honradez e a sinceridade—são sinonimos. Portanto não posso deixar de ser sincero. Perdoem-me, pois, se lhes parecer descortez... E' que, embora aprove tudo o que se tem dito—lamento que os illustres oradores anteriores limitassem as suas propostas de levantamento social—aos casos que pessoalmente os impressiona e não as alargassem a todo o problema. Combater o crime?—De certo—e de todas as formas—mas todos os crimes, todos atentados a nossa organização social, a nossa moral? e não

(Continua na pág. 7.)

Ainda o aniversário do armistício

# O homem que causou seis milhões de mortes

O que se passou, este ano, em Serajevo, a cidade balcânica que incendiou a guerra, e o novo tumulto do estudante Prinzip, que assassinou os arquiducos austríacos.

COMEMOROU-SE, ha dias, em todas as terras que foram empapadas pelo sangue esbanjado, criminosamente, pela Grande Guerra, ou que, pelo menos, ofereceram as empolas humanas desse sangue de sacrificio, o 14.º aniversário desse grito de «Basta!!!» que foi o Armistício. A Humanidade, seja a que viveu as horas d'Inferno desses anos, quatro anos maláitos, seja a composta pelas gerações posteriores — não sabe evocar a guerra sem a repulsa com que se encara o mais vil dos facinorosos. E como a maquina que gerou esse monstro; e como esse insaciavel devorador de mortos começa de novo a aguar, babando ameaças graves de novas batalhas — todos os pretextos servem para se exteriorizar, colectiva e publicamente, o odio à guerra; a decisão inabalável e universal de não abandonarmos a paz. O que se passou em Paris, Londres, Madrid, New York, Bruxelas, Viena — e até em Berlim, nesse dia de recordação do armistício — é a prova eloquente do que afirmamos.

Mas não é só agitando essas lembranças de paz que os pacifistas lutam contra o Monstro. Eles querem que o mundo se defenda contra as ciladas melhor disfarçadas — porque — dizem e com justeza, que o Monstro sabe dinamitar os sub-solos com as faixas mais debeis...

Existe, perdida no labirinto balcânico, uma pequena cidade, meio-cristã, meio-musulmana, rajada pelo sangue de varias gerações de varios povos, que foi, este ano, palco de singulares manifestações. Uma comissão local mandou reunir no mesmo rincão florido

do cemitério e sob artisticas pedras tumulares, varios cadaveres que estavam dispersos pelos cemiterios dos arredores. Doze pais enviaram a essa cidade delegações intelectuais que, acompanhando os organizadores dessa homenagem postuma, discursaram, fazendo graves declarações...

De todas as manifestações registadas nesse 14.º aniversário do armistício — as mais estranhas e significativas (por mui paradoxal que isto pareça) foram sem duvida, as que coincidiram nessa cidade — á volta dessas covas. Essa cidade chama-se Serajevo — e esses tumulos guardam os cadaveres de Prinzip, Jerutch e dez outros estudantes conspiradores implicados no atentado em que sucumbiram os arquiducos da Austria, em 1914. Serajevo é a cidade em que esse atentado se realizou; e foi esse atentado a mecha que incendiou a grande guerra.

O avançado e grande escritor inglez Max Beverly — discursando á beira dessas covas disse:

«— Não podiam ser mais generosas as intenções desses jovens que sabiam, sem qualquer duvida, que o seu acto correspondia á sua morte — e a morte é sempre uma resolução heroica quando se está em plena juventude, na idade de todas as illusões e de todas as esperanças.

Não ambicionavam a glória nem a fortuna ou fosse que beneficio fosse: apenas queriam a liberdade da sua terra; queriam provar a preço de sangue que o povo servio não era um rebanho de inconscientes que se deixasse espancar e matar, como os janizaros austríacos faziam, só porque o povo não aceitava o dominio estrangeiro e queria pertencer... á sua verdadeira pátria.

E qual o resultado desse gesto? A Alemanha, que anciava a guerra, agarrou esse pretexto pelos cabelos, explorando a legitima dor de Francisco José, obrigando-o a vexar a Servia com um ultimatum inaceitavel — e a guerra estalou! Senhores: choremos estes mortos mas não esqueçamos os seis milhões de cadaveres que a guerra causou — que um desses mortos que ahí jaz foi, sem prever, o causador!

«E que esta lição nos sirva para evitar novas guerras — novas montanhas de cadáveres!»

O povo de Serajevo não tolerava, de facto, o dominio austriaco. Servio d'origem, integrado no imperio de Francisco José, pelo mesmo processo violento dos outros povos — esperava, desesperadamente, pelo regresso á patria, ou seja pela libertação das garras estrangeiras. Mas a Austria era mais forte — e não querendo escutar razões, a cada esboço de reacção respondia com verdadeiras tiranias. Milhares de homens de bem, faziam nos carceres, como mortos em valas comuns. Centenas de patriotas eram fuzilados todos os anos — legalmente, após julgamentos irrisorios; ou eram assassinados á traição, pelos agentes secretos de Viena — quando seria demasiado escanda-



Em cima: Prinzip, o autor do atentado de Serajevo (morreu tuberculoso, na vespera da execução, Em baixo: Perpuski, outro conspirador assassinado pelos austríacos.



loso executar, sob a bandeira da justiça, inocentes cujo crime era o da dignidade!

Um estudante exaltado mas generoso, Prinzip, compreendendo que contra tal adversário não era possivel lutar lealmente — resolveu recorrer á astúcia trágica, que provocasse o sangue dos tiranos, assustando-os e obrigando-os a acolher as garras — nem que para isso tivesse de derramar também o seu... Era tão modesto esse estudante, que a policia austriaca nem sequer suspeitára dele. Foi essa confiança que lhe permitiu levar á realidade os seus planos — porque não era vigiado nem seguido...

Anunciára-se naquele Julho de 1916 a visita dos arquiducos, os herdeiros do trono da Austria. Depois de limparem a cidade de todos os elementos patrióticos e de a encherem de affectos, de vendidos, de traidores e de janizaros, enfeitaram-se as ruas como se Serajevo recebesse com apoteótica alegria a visita dos seus verdugos (responsáveis, pelo menos, do seu marfírio). Entretanto, numa modesta hospedaria da velha cidade balcânica reunia-se Prinzip, Jerutch e outros estudantes planeando os atentados. Seriam tantos, quantos fossem necessários para liquidar os arquiducos. Dividiam-se em pequenos grupos colocados ao longo do tractado dos futuros imperadores. Feito o último juramento, mandaram vir uma pequena ceia e vinho — mas nenhum se embriagou. As cinco da manhã, abraçaram-se pela última vez — e começaram a sair, pouco a pouco, para não levantarem suspeitas. O primeiro atentado — fracassou. Cavalos mortos, soldados feridos — mas o alvo não fôra atingido; o segundo não pode realizar-se porque, á última hora, se modificou o programa da visita. As autoridades, assustadas com o primeiro atentado, apressavam o protocolo, ansiosas por verem terminado aquele passeio pela cidade. Mas o terceiro assalto — precisamente o confiado a Prinzip não falhou. Os arquiducos estavam mortos — quando o estudante caiu por terra sób as cutiladas policiaes.

Conduzido ao commissariado, o rosto todo ensanguentado, uma bala a asfixia-lo no pulmão direito — Prinzip podia, por varias vezes, fugir aos seus guardas. O povo, aproveitando a confusão geral, tentou arranca-lo das mãos da policia. Mas Prinzip não quiz! Estava cum-



A 1ª casa á esquerda, é a hospedaria onde se reuniram os conspiradores na vespera do atentado



A prisão de Prinzip após o atentado. O povo tentando arrancá-lo das mãos dos agentes

lava, que era... A aliança com a França, obrigava este país a seguir a seguiria a Austria; e poucos dias depois estourava a grande guerra—que anos, ensanguentando o mundo—com o sangue de 6 milhões de cadáveres...

prida a sua missão— e talvez quizesse morrer... Os maltratos sofridos durante os interrogatórios, que suplantavam, em crueldade os da Inquisição, fizeram desse robusto moço, e em menos de dois meses, um tuberculoso. Foi essa tuberculose que o resgatou aos carrascos matando-o nas vésperas da execução.

Entretanto o governo Austriaco, sob o parecer do Kaiser, exige à Servia reparações humilhantes, como repreciação contra o facto dos herdeiros do trono terem sido assassinados por patriotas servios—e em Serajevo. A Servia, cedeu até onde ponde. A Russia colocou-se ao seu lado, como irmã de raça eslavica; a Alemanha a Russia; a Alemanha devia, durante quatro

## AS PROEZAS DO MOSQUETEIRO DO AR

(continuação da pág. 10)

uma espécie de capacete de couro, «Slepeis» de *passee-montagne* e outros detalhes que lhe ocultavam por completo o rosto. Eis a razão porque, tendo visto o «Mosqueteiro do Ar»— não o conheço!

Carlos Rezende fixou um instante o novo ex-condiscipulo, numa atitude de reflexão e de discrição. Demais...

«—Bem! Há um pormenor que me interessa saber e que mais tarde lhes explicarei porque. — Em 192... estava eu em Paris... Os jornais vinham a transbordar de notícias sobre o «Mosqueteiro do Ar»... Havia ainda certa imprensa que sabujava com elle e o alcunhava de *Lupin* aviador; de «Raffles» mascarado de boa pessoa, etc.—mas, a opinião geral sobretudo depois da libertação de Madame Thullier, era-lhe favoravel em absoluto.

«Estava eu em Paris—disse... Habitava o «Mercedes Hotel», na Avenida Kleber. Os nossos *apartments*—o meu e o de Kajita—abriam para um enorme terraço. Confesso que nessa noite, por duas vezes acarinhar a coronha da minha pistola, decidido a fazer saltar os miolos. Vejo o vosso pasmo—a vosssa incredulidade—a mulher dos nossos olhos! Era lá possível que Carlos Rezende, o felizardo, o vencedor da vida, pensasse alguma vez no suicidio?

«Pois juro-lhes, meus amigos—nessa noite, por mais duma vez me decidi; e se vivo ainda—a essa pequena boneca japoneza o devo!

«Porque queria eu morrer?

«Ah! Meus amigos! Quando nos falta o indispensavel para o dia a dia—o pão, o tecto, a roupa, o tabaco—pensamos que o dinheiro resolve todos os problemas, abre todos os paraizos! Que erro! Quantas vezes, na culminancia do triunfo—um pequeno nada moral—nos pode enlouquecer de dor...

«Pesava sobre o meu coração—a peor das ameaças—a mais cruel das tiranias... morais! Para libertal-a dessa tortura—até a morte me parecia suave... Kajita, angustiada, não queria abandonar-me... Subito fomos alertados pelo ruido inconfundivel dum motor de aeroplano... Um avião cortava o ar, por sobre o hotel... Mas o ruido cada vez se distinguia mais, aproximando-se até dar-nos a impressão de que pairava a poucos metros, sobre o terraço de que vos falei.

«Um impulso de curiosidade, levou Kajita a abrir as janelas que

### POR AMOR DA PAZ

## Vai-se preparando a guerra

Continuação da pag 9

Bem se tem querido esclarecer esta última viagem do Presidente do Ministério francês...

Mas ninguem se entende no sem número de esclarecimentos vindos a público...

O que se sabe, o que se vê pelas gravuras juntas, é que a França não descuida o seu problema de armamentos e a sua rede de fortificações.

Fez o diagnóstico seguro da grande doença do mundo e vai preparando a profilaxia necessária para bem se defender.

Continua no proximo numero

### Os escandalos de Hollywood

## O misterio da precipitada fuga de Greta Garbo

(Continuação da pag. 12)

difícil, mais humilhante para os americanos. Greta não transigia e tinha—publico pelo seu lado; eram *elles*, os senhores americanos que se viam na necessidade de transigir—e eles não o perdoam nunca! Ah! Eu conheço-os bem—e Greta começava agora a conhece-los melhor ainda!

Ha muito que Greta vivia sob o terror de um terrivel presentimento. Sabado, que foi o ultimo dia em que entrou no *Studio* recebeu uma carta que a deixou alarmadissima! Quasi que não ponde trabalhar. Quem mandava essa carta? O que dizia essa carta—que foi indiscutivelmente o que determinou a sua fuga e a chamada de alguns detetives de confiança (de confiança por que eram escandinavos naturalizados *yankees*).

«Repare nessa coincidência trajica. Quando

Rodolfo Valentino chegou a uma situação igual à sua—foi atacado duma misteriosa doença e misteriosamente morreu e Rodolfo era um estrangeiro como você—um italiano. Quando Lya de Putti entrou no mesmo conflito com os *yankees* adoeceu misteriosamente e morreu em tais condições que a justiça exige uma autopsia que... não foi realizada ou se foi; foi como se não fosse... E Lya era estrangeira como você—era polaca! E o *metteur en scene* sueco Swesky? E... tantos outros? E nenhum deles—à parte Rodolfo—representa o valôr e a força que V. alcançou; e para eles, a única salvação quando as estrelas teimam na gloria justa e merecida—é a morte *dela*...

«Coincidencias?! Sim—de certo—mas arrepiantes; sobretudo...depois de varios episodios que tinham provocado aqueles negros presentimentos no espirito de Greta. E Greta não hesitou! E duas vezes, durante a viagem, esteve à beira da morte...»

As 32 paginas do livro do jornalista sueco não cabem neste artigo. Mas o enigma empolgante da obra é o que deixamos revelado...

Entretanto, o famoso romancista inglês, P. C. Wren, autor do «Beau Geste», «Beau Sabreur» e outros livros que deram films célebres e que esteve em Hollywood a convite dos magnates do cinema, escreve numa revista inglesa—«John Bull» que «se um dia se revelassem certos segredos da capital do film, muitos «reis dos dollars» seriam electrocutados» e exclama: «Greta salvou-se a tempo!»

Hollywood! Paraizo terrestre! Cinefilos—sonhai com a gloria e os bruxedos do Hollywood mas não olvideis Greta Garbo...

## NOTA IMPORTANTE

Á ÚLTIMA hora e depois desta reportagem estar paginada chega-nos a noticia de que a familia de Lya de Putti apresentou uma queixa na policia de Los Angeles, por intermédio do seu consul, contra a «eminencia parda» de um banqueiro cinematográfico de Hollywood. Baseia-se essa queixa nas informações que Greta Garbo particularmente forneceu sobre a morte da desditosa *vedette*.

Por lapso tipografico o titulo do primeiro artigo dizia que Greta Garbo tinha abandonado a filmagem de *Mata Hari* o que não succedeu.

davam para esse enorme terraço... e temendo deixar-me só, arrastou-me com ela... Sim... De facto o avião quasi que roçava pelos telhados da Avenida Kleber... Mas, o que mais nos surpreendeu, é que o seu vôo desenhava como que uma espiral, cada vez mais apertada, sobre o terraço...

«Bruscamente alvoroçou-nos o estilhaço de um vidro... Era um guarda-vento do terraço que se quebrara... Como? Avancei e acendi uma lampada... Junto aos estilhaços da vidraça estava um bloco de papel... Peguei-lhe... Pesava... Dentro havia uma pedra; e atada à pedra uma carta. Calculem a minha surpresa ao ler o meu nome no envelope...

«Rasguei-o nervosamente e nervosamente devassei o conteúdo da carta. Dizia assim:

«—Meu caro Carlos Rezende: A amizade que nos liga (não julgues que estou brincando) era titulo suficiente para eu te acudir. Mas, sobre esse assunto existe uma dívida—dívida de gratidão que eu nunca esquecerei. Portanto não posso nem devo hesitar... Estou às tuas ordens. Sei a crise que atravessas, a acção que tortura a tua alma—as negras ideias que se apossaram do teu espirito, como anestesia unica para o teu sofrimento. Não sou mago nem profeta. Sei tudo isto porque ainda ha meia hora era teu visinho de quarto no «Mercedes Hotel»—e cometi a bisbilhotice de escutar o que a pequena japoneza te dizia para te dissuadir da desparatada ideia do... suicidio...

«Pois bem: se o meu nome te serve de garantia—juro-te que dentro de oito dias—o teu problema está resolvido—a bem ou a mal, tal como as circunstancias o determinarem—mas resolvido, repito—liquidado, rematado! Percebeste? Hoje é quinta-feira! Quinta-feira proxima, a esta mesma hora, ouvirás o palpitar cardiaco do meu avião. Sinal que regresssei a Paris e que dentro de vinte minutos estarei no teu quarto.

«Confia em mim! E para que não julgues que esses pormenores são balofos—dir-te-hei que vou dirigir-me, sem perca de um minuto, para a cabila de Ben-Zhur! Compreendes o que isto significa? Compreendes que eu... vi o segredo do traidor? Pois bem: espera até quinta-feira. E até lá—juízo.»

No silencio que se seguiu—tanto Gastão Perestrelo como eu, sentimos a tentação de assaltarmos Carlos com a mesma pergunta. Quem assinava essa carta? Mas não foi preciso interrogá-lo. Carlos sorrindo, rematou:

«—A assinatura não me surpreendeu... Esperava-a desde a primeira linha: «Mosqueteiro do Ar» embora

## VIDA DE REIS...

# Quantos filhos teve o primeiro imperador do Brasil?

## D. Pedro IV conquistador de corações e de poetas...

**A** TÊ hoje não se pôde ainda fazer, ao certo, uma relação completa dos irmãos de D. Pedro II, filhos legítimos ou ilegítimos, do proclamador da independencia brasileira. Pedro I foi um doídivanas do amor.

Desde os primeiros anos da sua vida aventurada, creado ás soltas, entregue inteiramente aos seus instintos, não havia mulher que lhe escapasse aos galanteios. Correu de alto a baixo a escala social. Namorou mulheres do povo, actrizes, freiras, moças de sociedade, mulheres de alta roda. Era um horror! Não faltou, mesmo, na sua galeria, a silhueta de uma negra—talvez mais de uma—e de que concebeu uma filha mulata, que era, depois, todo o orgulho de sua mãe e da familia.

E' extraordinario, assim, o numero dos filhos que Pedro I deixou espalhados na terra, e dos quais o grande imperador foi um dos ultimos.

A lista dos filhos ilegítimos e legítimos da primeiro monarca encheria uma pagina. E, provavelmente, nem todos ali se contemplariam. Só da marqueza de Santos teve D. Pedro I quatro filhos: a duqueza de Goyaz, que se casaria mais tarde com o conde de Treuberg, da côrte da Baviera, teria muitos filhos, seria rica e feliz: a condessa de Iguassu, esposa do conde desse nome; a duqueza de Ceará, morta com poucos anos, e o pequenino Pedro de Alcantara falecido com só alguns mezes de idade.

Muitos outros, porém, são ainda conhecidos, filhos de outras mulheres: É Pedro de Alcantara Brasileiro, filho de M.<sup>me</sup> Saisset, aquela francezinha endiabrada, que vira por voltas de 1824 a cabeça do imperador. É Rodrigo Delfim Pereira, filho da baronesa de Sorocaba, esta, irmã da marqueza de Sbntos. É José de Bragança e Bourbon, filha de D. Joana Mosqueira, que era filha de um dos desembargadores do Paço. É Teotónio Meireles da Silva. É D. Mariana Amélia de Albuquerque. É uma D. Urbana, filha de uma marqueza, mulher de um dos ministros do primeiro Reinado... E só ai se tem uma legião de dez séres humanos postos no mundo pelos desvários amorosos do terceiro neto de D. João V.

D. Pedro I foi, como se sabe, casado duas vezes, em 1817, (13 de maio), com D. Maria Leopoldina, archi-duqueza de Austria e mãe de D. Pedro II; e em 1829 (2 de Agosto), com D. Amélia de Leuchtenberg, de quem teve, já depois da abdicção do trono brasileiro, uma filha que morreu tuberculosa, em plena

floração de uma mocidade radiante de formosura: a princesa D. Amélia (1 de Dezembro de 1831-4 de fevereiro de 1853).

Só, porém, de parte de pai e mãe teve D. Pedro II nada menos de seis irmãos: D. Maria da Gloria, que foi rainha de Portugal, nascida a 4 de Abril de 1819 e morta a 15 de Novembro 1853; D. Miguel, nascido a 26 de Abril de 1820 e morto pouco depois; D. João Carlos, príncipe da Beira, nascido a 6 de Março de 1821 e morto a 4 de Fevereiro de 1882; D. Januaria, a futura condessa d'Aquila, nascida a 11 de Março de 1821 e morta a 13 de Março de 1901; D. Paula, nascida a 17 de Fevereiro de 1823 e que deixou a vida com pouco mais de 9 anos, a 16 de Janeiro de 1833; D. Francisca Carolina, a mais tarde princesa de Joinville, que nasceu a 2 de Agosto de 1824, falecendo a 27 de Março de 1898. Finalmente, D. Pedro II, nascido a 2 de Dezembro de 1825 e que foi, assim, o penultimo dos filhos de D. Pedro. O ultimo foi a princesa D. Amélia, filha da segunda imperatriz.

Já vimos, pelas datas respectivas do nascimento e da morte, como D. Pedro II veiu perdendo, aos poucos, os seus irmãos. D. Miguel, que seria o herdeiro do trodo, durou apenas poucos mezes. O príncipe D. João Carlos, ainda antes da Independencia, rendeu a sua vida ao Creator, faltando um mez para completar o seu primeiro aniversario. Foi por ocasião da revolta da divisão auxiliadora. O príncipe D. Pedro, logar-tenente de D. João VI no Brasil, teve de transferir, precipitadamente a Familia Real do Paço da Cidade para a sua fazenda de Santa Cruz. Era de noite. Fazia frio. D. João Carlos estava, já atacado de gripe. A viagem e a humidade fizeram-lhe mal.

Corou. Pouco depois falecia. Em 1831, quando D. Pedro I abdicou, deixando o paiz, Pedro II era o unico filho varão. Ficou no paço de São Cristovão com três irmãs: D. Paula, D. Francisca e D. Januaria. D. Maria Gloria, encontrava-se já, na Europa. D. Pedro, em 1826, havia abdicado em seu favor a corôa portugueza, que lhe cabia como primogenito de D. João VI. Deixando, após os sucessos do 7 de Abril.

O Brasil iniciou em Portugal a campanha politica e militar da restauração de D. Maria II, no trono de que a ambição de seu tio e noivo a havia arrancado.

(Continua no próximo número)

nada me esclarecesse nem me explicasse a razão daquela amizade e vida de gratidão que ele evocava. O que me surpreendeu, sim foi o facto dessa carta vir escrita em... em português!

«—Em português? exclam-

mei. Nesse caso o «Mosqueteiro do Ar...?»

Carlos interrompeu:

«Espera... Vejamos como ele cumpriu a sua promessa—e como se me apresentou pela primeira vez...»

(Continua)

# As aventuras de "Z"

O "az,, portuguez da aviação

As suas proezas heroicas;

As suas façanhas extraordinárias

As suas viagens maravilhosas

O mais empolgante dos romances modernos

---

## "O Mosqueteiro do Ar"

Original inédito do Reporter X

que o

"Reporter X"

Continua a publicar esta semana

---

Leiam o REPORTER X

Colecionem as aventuras do

# Mosqueteiro do Ar